

Esta edição possui o mesmo texto ficcional das edições anteriores.

Tonico

© José Rezende Filho, 1977

Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica Mário Ghio Júnior

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo

Gerência editorial Paulo Nascimento Verano

Edição Camila Saraiva e Fabiane Zorn

ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.) e Thatiana Kalaes (assist.)

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

Capa montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Iranildo Alves

Diagramação Balão Editorial

REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.) e Balão Editorial

ICONOGRAFIA

Sílvio Kligin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf

e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens Arquivo pessoal (p. 138); Divulgação (p. 140)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R356t

19. ed.

Rezende Filho, José, 1929-1977

Tonico / José Rezende Filho. - 19. ed. - São Paulo : Ática, 2015.

144 p. (Vaga-Lume)

Inclui apêndice

ISBN 978 85 08 17363-1

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

15-22291

CDD: 028.5

CDU: 087.5

CL: 739043

CAE: 548841

2018

19ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





Tonico

JOSÉ REZENDE FILHO

Série Vaga-Lume



ea

editora ática

A aventura do cotidiano

DEPOIS DA MORTE DO PAI, a vida mudou completamente para Tônico. O menino precisou trabalhar e acabou descobrindo que o mundo dos adultos não era nem um pouco interessante. Ele queria ser livre como Carniça, seu melhor amigo, e, para isso, estava disposto a tudo...

Em *Tônico*, você vai ficar conhecendo dois garotos simpáticos e corajosos, sempre prontos a enfrentar as surpresas que a vida reserva para cada um de nós. Numa história envolvente, em que se unem ação e emoções, José Rezende Filho revela que o cotidiano também pode ser uma aventura extraordinária.

Venha se juntar aos dois amigos e partilhar suas experiências, sentimentos, brincadeiras. Você vai notar que o fato mais banal pode se tornar fantástico, dependendo da maneira como se olha para ele. Boa leitura.

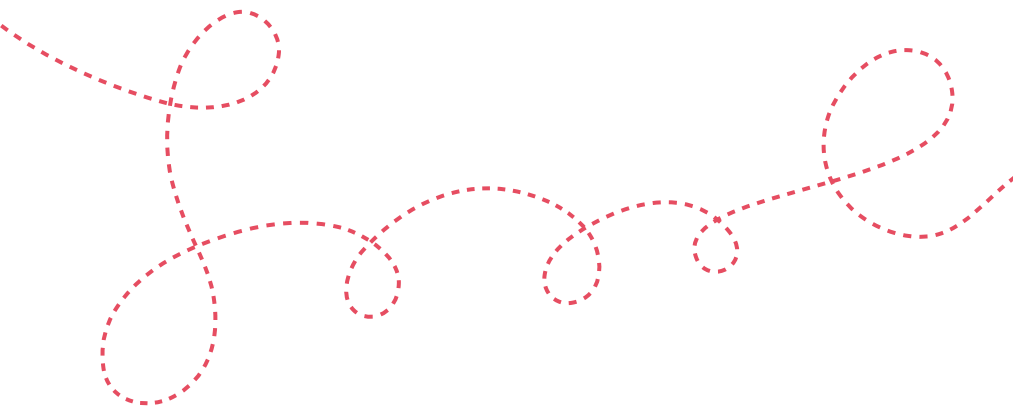


sumário

capítulo 1.	9
capítulo 2.	12
capítulo 3.	18
capítulo 4.	22
capítulo 5.	25
capítulo 6.	31
capítulo 7.	38
capítulo 8.	43
capítulo 9.	48
capítulo 10.	51
capítulo 11.	56
capítulo 12.	64
capítulo 13.	70
capítulo 14.	84
capítulo 15.	91
capítulo 16.	97
capítulo 17.	102
capítulo 18.	108
capítulo 19.	114
capítulo 20.	118
capítulo 21.	123
capítulo 22.	132

Saiba mais sobre José Rezende Filho **138**







1.

TONICO VEIO CORRENDO PELO MEIO DA RUA, calça curta branca, camisa grená, sapatos e meias. Entrou pela porta dos fundos e sentou-se na primeira cadeira, perto da mesa, respirando, curvado, os braços nas coxas. Acabava de chegar do enterro do seu pai e duvidava ainda que ele tivesse morrido. Permanecia assim, pensativo e estático, sem saber ao certo que tipo de solidão estava sentindo, quando a mãe, a avó e o tio Severino chegaram. Os outros parentes já haviam ido para suas casas. Nem se levantou da cadeira e mal ouviu quando a avó lhe perguntou se não estava com fome.

— Não quer fazer um lanche?

O tio Severino estava no quarto conversando, Tonico não sabia o quê, com sua mãe. Ouvia apenas de longe. Ela estava soluçando e algo lhe dizia que haveria grandes mudanças em sua vida. Ou melhor, na vida de todos, agora que seu pai estava morto. “Como vai ser pra minha mãe comprar comida pra casa? E roupas pra gente? E dinheiro para o meu cinema?” A avó Corália perguntou-lhe outra vez.

— Não quer lancha, Tônico?

Levantou-se por fim, e foi até a janela. De lá via o campo, perto da estação, onde os amigos jogavam futebol. Ele se lembrou de que o Cafua e o Bentinho também não tinham pai; Manuel, Ricardo e Pedro Henrique não tinham mãe. Tudo como ele agora, que também não tinha pai. Ainda pior era Carniça (chamava-se Valtinho, mas a garotada há muito tempo o havia batizado de Carniça porque seus dentes da frente eram todos estragados). Tinha mãe, mas nunca havia conhecido o pai. Pelo menos era o que ele mesmo dizia aos amigos de futebol. E até já ouvira essa história contada por Dona Elza, a dona do armazém. Todo mundo sabia que Carniça vivia na rua, fazendo bagunça nas calçadas ou jogando bola o dia inteiro. Dona Zen, mãe de Tônico, estava sempre se queixando:

— Não ande com esse menino. É um moleque de rua.

Mas Tônico gostava dele. Davam-se bem e jogavam sempre no mesmo time. Depois, Carniça era mais forte e disposto. Defendia o amigo dos pontapés dos outros.

— Não mexe com ele não, senão vai ver.

Dona Zen, e a maioria das mães do lugar aconselhavam a que os filhos não brincassem com o Carniça nem o trouxessem em casa. O garoto pouco estava se incomodando com eles, e na verdade nem sabia o que estava acontecendo em seu redor. E por sua própria conta, talvez pelo seu instinto de menino livre, não ia à casa de ninguém. Quando queria beber água pedia no botequim do Zé, que ele dava. Tônico gostaria de ter essa liberdade do amigo, mas não podia.

Sua avó Corália surgiu da cozinha, trazendo-lhe um pedaço de pão com manteiga e uma banana.

— Depois, beba um copo d'água. Você não comeu desde o almoço.

O tio Severino veio do quarto, a irmã atrás, muito triste, uns olhos roxos de tanto chorar. Severino dirigiu-se para o sobrinho.

— Vamos lá pro quarto. Quero conversar com você.

Aquilo também era novidade. Pela primeira vez alguém o chamava num canto para conversar. Era mesmo um sinal de que muita coisa ia mudar depois da morte do pai.

— Deixa eu comer o meu lanche.

— Espera um pouco, Bio. — Era assim que a avó Corália chamava o filho.



2.

TONICO FOI PARA A COZINHA mastigando o pão e sentou-se num banco que seu pai fizera, duas semanas atrás, antes de cair doente. Mas a cabeça estava mesmo era no campo da estação, onde a turma jogava bola.

— Amanhã não precisa ir para a escola. — Sua mãe falou. — A diretora disse que você podia ficar uns dias em casa.

— Nem pode ir para a rua, também. Agora você é o homem da casa.

Estava acabando de comer sua banana e não entendia direito o que a sua avó estava querendo lhe dizer com essa história de ser agora o homem da casa. Talvez fosse por isso que o tio queria conversar com ele no quarto. Nunca havia conversado assim com ninguém. Estava mesmo curioso e ainda bem não havia bebido a caneca de água, disse para o tio:

— Vamos agora?

— Isso, pro quarto da sua mãe.

O menino seguiu na frente e o tio atrás, depois de ter olhado para as duas mulheres silenciosas.

Tonico sentou-se à beira da cama e passou uma vista geral no quarto. Lá estava um retrato do pai (bigode, cabelos estirados, cara meio alegre), que nunca tinha visto antes, naquela mesinha de espelho grande. O tio sentou-se numa cadeira, aproximou-se dele e sorriu de lado, como se não tivesse certeza do que deveria dizer ao menino. Mas começou, Tonico olhando para ele, o pensamento no jogo de bola.

— Você vai fazer quatorze anos e já pode trabalhar para ajudar sua mãe. O que ela vai ficar recebendo é quase nada, pois seu pai era apenas um carpinteiro e ganhava muito pouco. Ele se matava, fazendo horas extras. Você sabe que até dormia na obra.

Tonico sabia disso porque só via o pai aos sábados e domingos. Às vezes nem isso. Severino foi até a janela do quarto para jogar o cigarro na rua.

— O que eu tinha para lhe dizer é isso que você acabou de ouvir. Ainda hoje de manhã eu falei com o Seu Duda, você sabe quem é? Aquele Seu Duda, marido da Dona Flor, dono de uma lojinha perto do Disco.

O menino balançou a cabeça, só por balançar, pois não estava bem certo se conhecia o homem. Talvez já o tivesse visto, ou passado perto dele, ou até entrado na loja para comprar agulha ou linha para a mãe. Mas fez de conta que sabia e balançou a cabeça como quem diz “ah, já sei quem é”, pois queria mesmo era ouvir o resto. Severino procurou os fósforos para acender outro cigarro.

— Vai lá dentro e pede a tua mãe para me arranjar uns fósforos.

Foi e voltou num segundo, e até já se via trabalhando na loja. Sentia-se importante e agora estava cada vez mais certo de que sua vida ia mudar. O tio, então, acabou de dizer o que ele já sabia que ia ouvir.

— Falei com Seu Duda, hoje de manhã, e ele me disse que estava precisando de um menino esperto, assim como você, para fazer limpeza, olhar a frente da loja e entregar uma encomendinha ou outra na casa do freguês. Mas nada pesado que você não possa levar nas mãos. Você sabe, ele só vende coisas pequenas.

— Ele vai me pagar? — Ficou ansioso e o tio deu-lhe uns tapinhas nas pernas nuas.

— Claro, menino. Eu lá vou deixar você trabalhar de graça? Vai te pagar trezentos cruzeiros por mês.

Abriu os olhos e ficou vermelho como se estivesse queimando de febre.

— Vou dar tudo para minha mãe?

— Pra que você quer dinheiro, Tônico?

— Ir pro cinema e comprar coisas. Agora já posso ir ao Maracanã, tio, ver o meu time.

— Qual é o seu time?

— América.

— Mas logo o América? Teu pai era Flamengo.

— Eu sei, mas eu sou América.

Dona Zenaide, que estava ouvindo a conversa encostada na porta, disse de lá: